

TÓPICO DA JUSTIÇA COMUTATIVA E O SENTIDO DA MOEDA EM ARISTÓTELES E UM BREVE PARALELO COM O DINHEIRO COMO FETICHISMO EM KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS.

Geraldo Guilherme Ribeiro de Carvalho¹.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo fazer um paralelo entre a idéia de comércio construído na Grécia antiga, conforme a visão de Aristóteles segundo a qual os objetos intercambiáveis atendiam a simples necessidade básica para a vida trivial dos cidadãos, num primeiro momento, através da justiça comutativa. Já, num segundo momento, houve o caráter desumanizador que a moeda passou a introduzir na vida dos cidadãos da *pólis*. Teremos como referência do nosso texto as obras: *Ética a Nicômaco*² e a *Política*³, em Aristóteles (384-322 a.C.); e, de outro lado, a desumanização total que o comércio introduziu no mundo Moderno, eis que a economia, através do dinheiro, passou a forjar e a dominar a norma reguladora básica da vida social, como a um feitiço, na visão de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), na obra: *Manifesto do Partido Comunista*⁴, o que provocou miséria e instilou desespero na vida e na mentalidade do homem moderno.

Palavras-chave: Filosofia, Justiça Comutativa, Moeda, Fetichismo, Modernidade.

abstract:

This work aims to make a parallel between the idea of Commerce built in ancient Greece, as the sight of Aristotle that the interchangeable objects reflect simple basic necessity for trivial life of citizens, at first, by commutative justice. Then, there was the de-humanising nature that the currency started to introduce in the life of citizens of the polis. We have as our text reference the works of: *Nicomachean Ethics and the Politics*, Aristotle (384-322 BC); and, on

¹ Professor de Filosofia de Direito da Unipac, campus da cidade de Teófilo Otoni-MG. Bacharel em Direito, Bacharel em Filosofia, Bacharel em Licenciatura Plena em Filosofia e Mestre em Filosofia, área de concentração Ética.

² ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução: Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Rosá. São Paulo: Abril Cultural, 1973. pp. 251-395.

³ ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁴ MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

the other hand, the total dehumanization that trade introduced in the modern world, behold the economy, through money, started to forge and to master the basic regulatory standard of social life, such as a spell, in the view of Karl Marx (1818-1883) and Friedrich Engels (1820-1895): Manifesto of the Communist Party, which caused misery and instilled despair in life and in the mindset of modern man.

Keywords: Philosophy, Commutative Justice, currency, fetishism, Modernity.

1 INTRODUÇÃO

A idéia de justiça comutativa⁵ proposta por Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômaco*, nos mostra o caráter da justiça comutativa feita na troca de objetos de desiguais entre os cidadãos e entre estes e os comerciantes da *pólis*, com o intuito de estabelecer uma troca justa. Posteriormente, com a chegada do lucro, a *pólis* foi pervertida na dimensão do econômico e perdeu a finalidade de conduzir o cidadão para o seu bem maior – a eudaimonia ou a autorrealização – na visão aristotélica, conforme nos é demonstrado na obra *A Política*.

Na modernidade, em Karl Marx e em Engels a mercadoria, a moeda e o lucro chegaram a possuir importância em proporções nunca antes registrada na história humana, levando os homens a considerar a mercadoria e a moeda como divindades, isto é, um feitiço. Nesse passo, o sentido da sociedade perdeu seu objetivo maior – a formação de cidadãos – conduzindo o homem para a total ausência de valores éticos e introduzindo o niilismo⁶ na vida humana, em decorrência do destaque primordial que a economia ganhou no mundo moderno e contemporâneo. O ser humano tornou-se um singelo

⁵ Verberte: Comutação, permutação, substituição In. *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos ilustrado*. Organização geral: Prof. Adalberto Prado e Silva. São Paulo: Melhoramento, 1965.

⁶ VOLPI, Franco. *O Niilismo*. Tradução: Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999. pp 8 e 9. “Vamos encontrar a resposta em Nietzsche, o primeiro grande profeta e teórico do niilismo. Num fragmento redigido em seus últimos anos de lucidez, ele mesmo propôs a questão e assim respondeu: “*Niilismo: falta-lhe a finalidade. Carece de resposta à pergunta “para quê?” que significa o niilismo? Que os valores supremos se depreciaram (VIII, II, 12).*” O niilismo constitui, assim, uma situação de desnorreamento provocado pela falta de referências tradicionais, ou seja, dos valores e ideais que representavam uma resposta aos porquês e, como tais, iluminavam a caminhada humana.” “Etimologicamente, o niilismo – do latim *nihil* (nada) – é o pensamento obcecado pelo nada.

fragmento, um nada esmagado pelas forças do capital, não conseguindo subtrair-se da contingência econômica, que o condiciona, inexoravelmente, às leis do mercado.

A produção social da vida material apresenta-se objetivamente para nós, através da mercadoria valorada pecuniariamente, através da especulação do mercado, situação que configura a realidade moderna como organização sócio econômica absoluta, isto é, o fetichismo⁷.

O horizonte especulativo descortinado pela economia inseriu o ser humano no mundo do mercado, e, além do mais, o próprio ser humano despido dos valores éticos essenciais para a dignidade humana, também, tornou-se mercadoria, através da venda da sua força de trabalho. Atualmente, o cenário econômico está criado e em pleno funcionamento, não se cuidando de uma conjectura subjetiva que desaparece diante de uma simples crítica.

2 A JUSTIÇA COMUTATIVA EM ARISTÓTELES

A concepção da justiça comutativa em Aristóteles nos é apontada, na obra *Ética a Nicômaco*, no livro V⁸, em sua forma que possuía um caráter de simples troca de objetos desiguais comercializados na *polis* (Cidades-estados grega). Aristóteles anunciou a virtude do justo meio entre dois extremos de vícios⁹; um vício por escassez; e o outro vício por excesso. Estamos analisando a virtude da justiça na modalidade comutação dedicada à apreciação do valor da troca, no recinto da *pólis*. Aristóteles nos mostra como os homens procediam mediante aos negócios das mercadorias desiguais, que eram trocadas, para ganharem contornos de justeza e medida, ações que causavam impacto no âmbito das virtudes éticas. Pois, na “troca de

⁷ Fetichismo (do port. *Feitiço*) 1. Historicamente, culto a um pequeno objeto considerado morada de um espírito e possuindo um poder mágico: “O fetichismo consiste em atribuir a todos os corpos exteriores uma vida essencialmente análoga à nossa, quase sempre mais enérgica. A adoração dos astros caracteriza esta primeira fase teológica”. “MARX fala do “fetichismo da mercadoria” para designar o engano (ilusão) que se apodera dos homens quando se deixam fascinar por uma mercadoria de forma fantástica, desvinculando-a do trabalho humano”. In: Hilton Japiassú e Danilo Marcondes. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 106.

⁸ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1973. (1133a.5-1133b.28) pp. 328-329.

⁹ *Ibid.*, ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1973. (1107a.1107b.). pp. 272-273.

mercadorias tem a ver com a justiça enquanto virtude do caráter”¹⁰. Aristóteles entendia que pela retribuição proporcional entre a troca de bens, a cidade se mantinha unida e coesa.

Do conhecimento e da justeza da finalidade das trocas advinha união entre os homens e, daí, estava iniciada uma das dimensões da caminhada que contribuiria para a busca do que seria mais excelente para os homens, a *eudaimonia* ou autorrealização, situação máxima da vida ética.

Com o predomínio da justiça comutativa, a forma do *lógos* se eleva com a virtude ética, alicerçada na reta razão, que transcendia a contingência dos meros negócios praticados na *pólis*. Assim, a contingência fica superada pela justiça comutativa e o caminho do *lógos* chegava a um dos horizontes do seu termo derradeiro, com vantagens para ambos os participantes do comércio realizado na *pólis*.

A justiça comutativa assumia um caráter teleológico ou de finalidade, uma vez que é arrastada para a contribuição do fim último do homem: *ergon* que é a realização total e última do homem na fundamentação da *práxis*, em busca da sua felicidade. Afinal, “a virtude da justiça é a mais importante e supõe a realização de todas as outras virtudes catalogadas na *Ética a Nicômaco*”¹¹.

A justiça da cidade, na magna Grécia, era configurada pelo respeito incondicional à lei da Cidade-estado, ou *polis*. Aristóteles dizia que: “A justiça é uma espécie de meio-termo, porém não no mesmo sentido que as outras virtudes, e, sim, porque se relaciona com uma quantia intermediária, enquanto a injustiça se relaciona com os extremos.”¹²

Na Antiguidade clássica, a justiça na *pólis* era, também, o respeito à lei da Cidade-estado e a lei fomentava e compreendia todos os âmbitos éticos¹³; hodiernamente, este quadro ideal de ética colide frontalmente com o capitalismo, uma vez que a economia e as regras econômicas ganharam contornos decisivos no sentido de regulamentar a vida social em toda sua

¹⁰ WOLF, Úrsula. *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. Tradução: Enio Paulo Giachini. São Paulo: Loyola. P. 111.

¹¹ Ibid., ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1973. Livro V. (1129a-1129b) p. 321.

¹² Ibid., ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1973. (1133b. 30) p. 329.

¹³ Ibid., ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1973. Livro II, Virtudes Éticas e Dianoéticas (15-20). p. 267.

dimensão em prejuízo das demais condições existenciais da realização do ser humano, principalmente, o horizonte ético, conforme veremos adiante.

A lei se estendia idealmente à vida como um todo, cobrindo as diversas dimensões do homem e a justiça coincidia com a retidão moral geral do povo e com a sua educação, – *ethos* – na dicção de Aristóteles: “E as coisas que tendem a produzir a virtude considerada como um todo são aqueles atos prescritos pela lei tendo em vista a educação para o bem comum”¹⁴.

Vemos, assim, que a dimensão da vida social era fundada em princípios morais e esses eram formadores do caráter do cidadão da *polis*, fundados na “lei tendo em vista a educação para o bem comum”. Mais importante do que o medo da lei é o respeito e a cultura da lei, porque esta conduz à felicidade de todos no âmbito da *polis* ou é fator de harmonia.

Todavia, nessa vida social baseada em ideais justos e morais começou a ocorrer uma inversão de papéis no tocante à consciência moral do cidadão grego. É que, em certa medida, Aristóteles foi percebendo a contento que se propalava, no seio social da *pólis*, uma relativa inversão de prioridades nas relações entre os homens e o conjunto da vida social daquele contexto histórico. Surgiram, então, cidadãos que passaram a se dedicar ao enriquecimento como um fim em si mesmo e, tais pessoas, perverteram o sentido da moralidade original da *pólis*.

(...) Tendo a moeda sido inventada, portanto, para as necessidades de comércio, originou-se dela uma nova maneira de comerciar e adquirir. A princípio, era bastante simples; depois, com o tempo, passou a ser mais refinada, quando se soube de onde e de que maneira se podia tirar dela o maior lucro possível. É este lucro pecuniário que ela postula; ela só se ocupa em procurar de onde vem mais dinheiro: é a mãe das grandes fortunas. De fato, comumente se faz consistir a riqueza na grande quantidade de dinheiro (...) ¹⁵.

A riqueza com a grande quantidade de dinheiro é uma lição de desmedida moral trazida pela moeda, que causou o comércio com fins de acumulação sem fim de mercadoria. Sabemos que o conjunto da *pólis* se instituiu porque o homem é um animal social político, no sentido de que vive

¹⁴ Ibid., ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 1973. (1130b. 25) p. 324.

¹⁵ Ibid., ARISTÓTELES. *A Política*. 2002. p. 24.

em comunidade¹⁶, inclusive, pela necessidade de bens materiais, porque o homem sem a sociedade e bens mercantis não sobrevive.

Da ocorrência dessas necessidades materiais existiam dois tipos de riquezas: “(...) as riquezas naturais, como, por exemplo, advindas de animais domesticados (...) e dos pescadores, (...) e as segundas são um produto da arte e da experiência, por exemplo, um sapato (...)”¹⁷.

E os demais objetos necessários para sobrevivência, o homem grego alcançava pela troca. Podemos perceber na leitura da obra: *A Política*, de Aristóteles, que as riquezas naturais servem, tão somente, como um conjunto de instrumentos para sustentar a vida humana. “Ora, quer nas casas particulares, quer nas lojas públicas as riquezas naturais são apenas um acervo de instrumentos para sustentar a vida humana.”¹⁸. O paradigma ético em Aristóteles possui a justiça comutativa como sua parte constitutiva.

O autor entende que em trocas recíprocas como vinho por trigo ou outras coisas, há um comércio módico, que não extrapola a intenção da natureza e nem aumenta seus bens. Trata-se, apenas, de um modo engenhoso de satisfazer as necessidades dos cidadãos. Foi por intermédio desse sistema de troca que se criou o dinheiro que Aristóteles chamou de moeda.

“Foi esse comércio que, dirigido pela razão, fez com que se imaginasse o expediente da moeda. Não era cômodo transportar para longe as mercadorias ou outras produções para trazer outras, sem estar certo de encontrar aquilo que se procurava.”¹⁹.

Pelo que foi dito até agora, foi por uma questão de comodidade intercambiável, e, posteriormente, de razão de lucro pecuniário que nasceu a moeda na vida econômica na sociedade Antiga refletida por Aristóteles.

3 A MOEDA E A CUPIDEZ

¹⁶Ibid., ARISTÓTELES. *A Política*. 2002. pp. 4 e 5. “O Homem, “Animal Cívico” (...) “Aquele que não precisa dos outros homens, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou é um deus, ou um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade (...)”.

¹⁷Ibid., ARISTÓTELES. *A Política*. 2002. pp. 20-21-22-23.

¹⁸ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes. 2002. p. 22.

¹⁹ Ibid., ARISTÓTELES. *A Política*. 2002. p. 24.

Os homens que passaram a enriquecer-se com um fim na própria riqueza, sem trazer benefício de alcance social, impuseram, à vida social, uma série de outras prioridades de natureza particular, como, por exemplo: o bem material sobre a vida espiritual, o privado sobre o público, o bem-estar sobre o bem-viver. Há, aqui, uma primeira inversão de valores noticiada por Aristóteles.

(...) No entanto, o dinheiro é somente uma ficção e todo seu valor é o que a lei lhe dá. Mudando a opinião dos que fazem uso dele, não terá mais nenhuma utilidade e não proporcionará mais a menor das coisas necessárias à vida. Mesmo se se tiver uma enorme quantidade de dinheiro, não se encontrarão, por meio deles, os mais indispensáveis alimentos. Ora, é absurdo chamar “riquezas” um metal cuja abundância não impede de se morrer de fome; prova disso é o Midas da fábula, a quem o céu, para puni-lo de sua insaciável avareza, concedera o dom de transformar em ouro tudo o que tocasse. As pessoas sensatas, portanto, colocam em outra parte as riquezas e preferem (e nisto estão certas) outro gênero de aquisição. As verdadeiras riquezas são as da natureza; apenas elas são objeto da ciência econômica (...).²⁰

Nesse ponto de sua reflexão, Aristóteles percebe a cupidez. Ocorre a alteração da função normal para a qual a moeda foi criada. Torna-se perversa e alucina os comerciantes a busca desenfreada pelo lucro, aumentando-se o dinheiro para o seu próprio prazer, com fim especulativo e cumulativo. O autor compara os homens ricos e acumuladores de moedas ao rei Midas, que a tudo que tocava com seus dedos convertia-se em ouro e, finalmente, não sobrou nada para o rei alimentar-se. Para o autor, a verdadeira abundância ou opulência descansa nos produtos da natureza eis que somente eles podem ser denominados como objetos da ciência econômica.

A obstinação e a teimosia em ganhar mais, infinitamente, por parte dos comerciantes da *pólis*, fez com que Aristóteles desenvolvesse a seguinte reflexão:

(...) A outra maneira de enriquecer pertence ao comércio, profissão voltada inteiramente para o dinheiro, que sonha com ele, que não tem outro elemento nem outro fim, que não tem limite onde possa deter-se a cupidez (...)²¹

A cobiça, sem certa medida, inegavelmente, penetra na mentalidade dos comerciantes e daí serem capazes de tudo para serem os únicos beneficiados com a riqueza, uma vez que chegam a delirar ou sonhar com a acumulação de dinheiro.

²⁰ Ibid., ARISTÓTELES. *A Política*. 2002. pp. 24 e 25.

²¹ Ibid., ARISTÓTELES. *A Política*. 2002. p. 25.

Com o completo desaparecimento do sistema de enriquecimento da magna Grécia, calcada no acúmulo de moeda e dispersa entre os comerciantes do mundo antigo, tal atitude possui parentesco com a reflexão levada a efeito por Karl Marx, em sua obra: *O Capital*, relativo ao tema do processo de enriquecimento pelo lucro e acumulação de mercadorias no mundo moderno, quando Marx aponta que:

(...) As mercadorias, então, sem nada fazerem, encontram a figura do seu valor, pronta e acabada, no corpo de uma mercadoria existente fora delas e ao lado delas, Ouro e prata já saem das entranhas da terra como encarnação direta de todo trabalho humano. Daí a magia do dinheiro (...)²²

Karl Marx sensibilizado com a brutalidade da exploração da força de trabalho do operário do seu tempo realiza uma comparação entre o ouro e a prata e a exploração do trabalho humano. O dinheiro passa a possuir o caráter de *magia* ou feitiço, como se pode perceber no fragmento do texto da obra: *O Capital*. Na modernidade, não se procura mais o equilíbrio na permuta dos bens como forma de vingar a justiça comutativa, conforme refletiu Aristóteles na Grécia Clássica.

Contudo, na Grécia de Aristóteles, já havia surgido, na *polis* ou *Cidade-estado*, a figura do comerciante, que perverteu ou corrompeu a vida ética na sociedade ateniense. Novamente, Aristóteles refletiu sobre a questão: “todos, e principalmente, os comerciantes amam o dinheiro, não julgam ter o suficiente e sempre acumulam. De um ao outro, é apenas um passo.”²³

Aristóteles teve a percepção e constatou essa tendência à desmedida, que há em relação ao dinheiro, e à disposição natural ou pendor espontâneo para a ganância, com a finalidade de fazer dos esforços das atividades humanas a sua metamorfose ou conversão em metal precioso, que, com o passar dos tempos, torna-se fim em si mesmo. Passados mais de dois mil anos Karl Marx elabora a mesma reflexão. Todavia, na atualidade, as relações de trabalho e acúmulo de dinheiro são mais complexas, surge o sistema de indústria, com maquinários enormes e dependentes da criação de energia proveniente da mão de obra do proletariado.

²² MARX, Karl. *O Capital*. Tradução: Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 117.

²³ Ibid., ARISTÓTELES. *A Política*. p. 25.

Da Antiguidade clássica para a vida Moderna, o ser humano, uns mais outros menos, ora alternando, dedicou sua vida ao acúmulo do dinheiro, esta coisa que, na verdade, sempre continuará sendo, objetivamente, uma mera coisa, conforme já propalava Aristóteles na obra: “*A Política*”, vista em linhas atrás. Com muita clareza e lucidez Aristóteles fez a leitura dos fundamentos éticos da concepção dos comerciantes propensos ao lucro e à ambição ou à cupidez com o propósito de se enriquecerem no mundo Antigo. Assim, os fundamentos da ética e da justiça comutativa ficaram acentuadamente comprometidos na *polis*, com a presença do dinheiro e do lucro, que o próprio dinheiro é capaz de produzir através da cobiça, surgindo daí a perversão da *polis* grega.

4 O DINHEIRO COMO FETICHE NA MODERNIDADE

“A partir da Revolução Industrial, na Inglaterra, no século XVIII, e no restante da Europa, no início do século XIX, houve um crescimento industrial e comercial de 360 anos até os nossos dias”²⁴. A existência dessas ocorrências desencadeou o crescimento econômico mundial contemporâneo: o tão decantado capitalismo. Muitos autores concordam que:

(...) O que caracteriza o modo de produção capitalista, como se pôde perceber pelo texto básico, é a introdução da maquinofatura, que, por sua vez, determina as relações sociais. Tais relações são do tipo assalariado, isto é, já que os operários não possuem mais os meios de produção, veem-se virtualmente transformados numa mercadoria: a força de trabalho, cuja remuneração é o salário pago pelo industrial (...)²⁵

A Revolução Industrial trouxe, com o tempo, a tecnologia voltada para a construção de máquinas na indústria. Acentuadamente, superior condição de vida material, social e intelectual na vida das classes altas, pelo surgimento de enorme quantidade de mercadorias, proporcionando grande conforto sem requerer esforço e não envolver dificuldades na vida dos industriais capitalistas. Essa ganância pelo acúmulo de mercadorias e de dinheiro gerou o fetichismo ou magia.

²⁴ DALTON, George. *Sistemas Econômicos e Sociedades: capitalistas, comunistas e terceiro mundo*. Tradução: José Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. P. 21.

²⁵ FARIA, Ricardo de Moura. *Et al.* Belo Horizonte: Lê, 1989. p. 145. *HISTÓRIA* 3. (Cf. BIROU, A. *Dicionário das Ciências Sociais*. 5º ed., Lisboa, Dom Quixote, 1982, p. 27).

A Revolução Industrial e, a conseqüente, a integração dos mercados espalhados mundo afora afetaram todos os setores das atividades humanas, espiritual e material, a própria família e a sociedade, toda organização da vida política e, principalmente, as profissões e os Estados, vejamos:

(...) A Revolução Industrial, durante um bom tempo, ficou restrita à Inglaterra, mas, já no século XIX, expandia-se pela Europa. Resumidamente, tem-se: Bélgica – 1830: utilizando basicamente capitais ingleses; França – 1848: mas não se pode falar em “revolução” industrial, pois evoluiu muito lentamente e as pequenas oficinas persistiam; Alemanha – 1870: após conseguir a sua unificação a Alemanha introduziu a industrialização num processo extremamente rápido e comandado pelo estado. É o que se denomina “via prussiana” de industrialização; Norte da Itália – 1870: também logo após a unificação. Foi importante o aproveitamento de energia elétrica; Rússia – 1890: a maioria dos recursos empregados pelo Império Russo eram de origem francesa. O caráter da industrialização determinou uma certa debilidade para a burguesia e um proletariado concentrado em algumas poucas cidades. Fora da Europa, a industrialização atingiu principalmente os Estados Unidos e o Japão: Estados Unidos – 1840/60: principalmente na parte norte do país, acentuando-se após a Guerra de Secessão (1861/65), sem a interferência do Estado; Japão – 1868 -: a Revolução Meiji eliminou o feudalismo do Japão e a industrialização teve lugar, seguindo o modelo alemão.

Os resultados da Revolução Industrial foram extraordinários, refletindo-se em todos os setores da vida humana. Esquemáticamente, pode-se apontar: a) desenvolvimento da produção em massa e a extrema divisão do trabalho; b) aparecimento do capitalismo industrial e, posteriormente, do capitalismo monopolista (...); c) aumento demográfico, devido, em parte, às modificações nas técnicas agrícolas; d) crescente urbanização, ocorrendo toda uma série de problemas, que ainda podem ser vistos nas grandes cidades dos países onde a industrialização demorou mais a acontecer; e) configuração de duas classes básicas na sociedade: a burguesia industrial, que passava a ser a classe dominante, e o proletariado, constituído pela massa de trabalhadores assalariados das indústrias; melhoria das condições de vida das classes altas, pelo aparecimento de enorme quantidade de mercadorias, proporcionando maior conforto; g) em contra-partida, a industrialização provocou uma situação dramática para o proletariado. Os artesãos foram praticamente arruinados pelo novo modo de produção, vendo-se na miséria e sendo obrigados a se proletarizarem (...)²⁶.

Ocorreu a derrubada dos controles medievais com os novos resultados da Revolução Industrial surgindo a produção em massa de mercadorias, o capitalismo industrial e monopolista, configuração de novas classes sociais – burguesia e proletariado –. A Inglaterra foi o primeiro país a se industrializar e instaurou os processos dos mercados e os preços atingiram um papel

²⁶ Ibid., FARIA, Ricardo de Moura. *Et al. HISTÓRIA* 3. Belo Horizonte: Lê, 1989. pp. 143-144.

dominador e autônomo sem precedentes até então na história. O dinheiro passou a ter um caráter acentuadamente mágico ou fetichista. O conjunto de consequências que advieram à industrialização, como, por exemplo, o superdesenvolvimento enorme da economia e a modernização da cultura, mudaram o mundo completamente, tal situação modificou os aspectos da nossa vida atual, inclusive, a Justiça.

(...) a agricultura e a atividade artesanal foram relegadas a um plano inferior, surgindo uma industrialização nunca antes vista na história da humanidade. Atualmente, sabemos que a economia modificou a vida humana em três aspectos: o primeiro a menor interferência do estado na economia; o segundo foi a aplicação do conhecimento científico nas indústrias e por último a invasão ou penetração da economia em todos os aspectos da nossa vida (...)²⁷.

Nesse cenário em que a economia domina, direciona e determina o destino do ser humano o pensador Karl Marx para refletir sobre a brutal transformação da vida econômica, jurídica, política, cultural, social, familiar, a mercadoria e o papel fetichista do dinheiro. É sobre a mercadoria e o dinheiro que Marx reflete em sua estupenda obra *O Capital*: "(...) Ouro e prata já saem das entranhas da terra como encarnação direta de todo trabalho humano. daí a magia do dinheiro (...)²⁸". A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como forma de exploração do trabalho do proletariado. Essa exploração do trabalho do operário é utilizada conscientemente pelas grandes corporações econômicas para aumentar seus lucros através das quedas dos salários dos trabalhadores; talvez seja por isso que o dinheiro seja motivo de tanta magia para quem não trabalha e nem se esforça para ganhá-lo.

(...) Esses fenômenos se manifestam na transformação geral dos produtos do trabalho em mercadorias, transformação que gera a mercadoria equivalente universal, o dinheiro. O enigma do fetiche dinheiro é, assim, nada mais do que o enigma do fetiche mercadoria em forma patente e deslumbrante²⁹.

Em vista disso, as mercadorias e o dinheiro surgem para satisfazer necessidades básicas ou voluptuárias dos homens, que são produtos do

²⁷ Ibid., DALTON, George. 1977. pp. 47-143.

²⁸ Ibid., MARX, Karl. *O Capital*. 2006. p. 117.

²⁹ Ibid., MARX, Karl. *O Capital*. 2006. p. 117.

esforço e do suor do operário. O homem passou a ser dependente de mercados para satisfazer suas necessidades básicas e de mero deleite, porque é através das relações com o mercado que o homem compra e adquire as mercadorias para sua vida. A força de trabalho do ser humano sofre uma metamorfose em mercadoria, e, esta em dinheiro como magia. A mercadoria é equivalente ao trabalho humano.

Após essas colocações entre a economia ocorrida no mundo Antigo e no mundo Moderno, podemos perceber que o dinheiro tornou-se a forma de sociabilidade em nossa vida social e que se verifica em nossa economia como fetichismo. Podemos perceber na leitura da obra *A Política* alguma lógica assemelhada, embora, em menor escala com o dinheiro do mundo moderno, o dinheiro já aparecia como perturbador do estado de ânimo dos homens em face à magia e ao fascínio que ele traz e modifica o conceito de justiça comutativa inexoravelmente.

Tanto na Antiguidade como na Modernidade, o dinheiro altera os sentidos e fins da vida humana, pois ele produz alguma perversão ou corrupção à proporção em que o ser humano procura o dinheiro como fim em si próprio. A ponto de ter incomodado Aristóteles e fazer com que ele refletisse sobre a fascinação que o dinheiro exerceu sobre os comerciantes do seu tempo.

Em Aristóteles, o dinheiro perverteu a vida dos comerciantes e o conceito de justiça comutativa, porque os valores éticos foram substituídos pelos valores do enriquecimento como um fim infinito, como um fim a ser perseguido reiteradamente sem submetê-lo a qualquer outro fim mais elevado, nobre e decente.

No tempo histórico de Karl Marx, a moeda passa a ter valoração com conteúdo manipulador e enlouquecedor na vida moderna, ocorre uma inversão no sentido da vida humana em face da representação do dinheiro. A partir do texto do *Manifesto do Partido Comunista*, Marx & Engels expressaram-se da seguinte maneira:

(...) A contínua revolução da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas

veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem. Tudo o que é sólido e estável se volatiliza, tudo o que é sagrado é profanado (...)³⁰.

Inspirado na frase desse último fragmento, citado por Marx & Engels, o autor, Marshall Berman escreveu uma obra vigorosa, acerca da modernidade, com o seguinte título: *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*³¹, nesse texto, Berman assim se pronuncia:

(...) Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (...). Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar” (...)³².

No sistema capitalista moderno, o homem é iludido pela mercadoria e pelo dinheiro e ao recobrar a sua consciência, o mesmo descobre que a essência do social é o capital; não a justiça e os valores morais, o que faz com que ele se sinta perdido na sociedade reduzida a vapor pelo poder da moeda. O dinheiro não é uma simples coisa subjetivamente representada, mas, ao contrário, o dinheiro é algo que socialmente se representa objetivamente regendo as relações sociais como coisas e desmanchando-as antes que elas estabeleçam relações mais profundas. A produção social da vida material através do dinheiro cria: o fetichismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade devido à normatização centralizadora da economia perde a virtude da justiça por completo, uma vez que as decisões jurídicas são frutos dos interesses econômicos de grandes grupos detentores do capital.

Na modernidade, o mercado invadiu todas as dimensões humanas mercantilizando todas as relações sociais e ganhando o nome de fetichismo. Termo que em Aristóteles ainda não existia. Hoje, a moeda tornou-se

³⁰ MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001. p. 48.

³¹ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

³² *Ibid.*, BERMAN, Marshall, 1986. p.

ideológica, porque tudo é submetido à lógica do mercado; tudo submetido a uma única racionalidade mercantil.

Em nossa sociedade fundamentalmente econômica, a força de trabalho e a criatividade espiritual do ser humano que são atributos definidores da nossa condição humana, isso se tornou mercadoria.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução: Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Rosá. São Paulo: Abril Cultural. 1973.

ARISTÓTELES. *A Política*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

BERMAN, Marshall. *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar: A aventura da modernidade*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia Das Letras, 1986.

DALTON, George. *Sistemas Econômicos e Sociedades*. Tradução: José Fernandes Dias. Capitalismo, Comunismo e Terceiro Mundo. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1977.

FARIA, Ricardo de Moura. Et. Al. *História 3*. Belo Horizonte: Lê. 1989.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

KARL, Marx. *O Capital*. Tradução: Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução: Pietro Massetti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

SILVA, Adalberto Prado e. *Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos Ilustrado*. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

VOLPI, Franco. *O Nihilismo*. Tradução: Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.

WOLF, Ursula. *A Ética a Nicômaco de Aristóteles*. Tradução: Enio Paulo Giachini. São Paulo. Loyola. 2010.

Endereço do Autor:

Rua Carlos Emílio Paap, 33 / Aparto. 101 – Castro Pires.

39801-663 *Teófilo Otoni* – MG.

e.mail: guilhermeribeirocarvalho@hotmail.com